APLAUSO

ANO III
Nº 14

guia de teatro

Drica Moraes
e Marcelo Olinto.

O rei da vela

A peça de Oswald de Andrade ganha emergentes e pagodeiros em sua versão 2000.

● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Gerald Thomas ● Mauro Rasi ● Paulo José ● Rodolfo Bottino ● Rogério Fróes ● Sérgio Mamberti ●

multi show

Apresenta:

Peça A GENTE QUE APÓIA

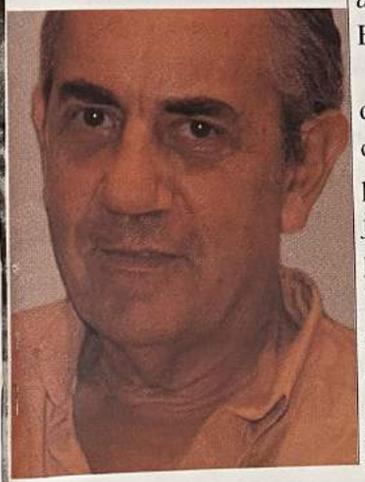
O Multishow saiu na frente. É o primeiro canal da televisão brasileira a fazer making ofs de peças teatrais que são exibidos no programa "Multishow em Revista". Uma Noite na Lua, A Rainha da Beleza de Leenane, Decadência, Coração Brasileiro são algumas das peças que o Multishow prestigiou e apoiou. Entre em contato com o Multishow. A sua peça também pode virar um sucesso.

www.multishow.com.br

Para assistir ao Multishow, assine
Net 0800-992211 ou Sky (0xx11) 3664-6000.

multi show
CANAL GLOBOSAT

A Pirâmide do Teatro



"Vivemos um momento de renascimento do teatro. E há boas razões para se acreditar nisso. Basta conferir o número de estréias: os teatros estão tomados por espetáculos de qualidade e os atores estão desejosos de se desenvolver em cima do palco. Além disso, as leis de incentivo voltam-se um pouco mais para o teatro, entusiasmando os profissionais a tirar do papel projetos ambiciosos.

Para mim, em particular, este é também um momento especial. Tenho vários projetos em andamento, tanto para o primeiro quanto para o segundo semestre. Um deles é a direção do espetáculo *A Controvérsia de Valladonid*, de Jean Claude Carrière, com produção de Pedro Bial, uma discussão do tema teológico se teríamos ou não alma. Outro projeto é a montagem de *O Balcão*, de Jean Genet, peça encenada no Brasil nos anos 60 por Victor Garcia.

Também sinto-se feliz por ver duas de minha filhas seguindo o caminho dos palcos com sucesso. Bel Kutner está em *O Crime do dr. Alvarenga*, no teatro Carlos Gomes, ao lado de Sérgio Mamberti. E Ana Kutner está em *A Boa*, no teatro do Planetário.

Os atores precisam do teatro. Na televisão, temos menos chances de trabalhar para nós mesmos, um movimento íntimo que apenas o palco pode proporcionar. Mas o teatro não tem condições de se promover na mídia, de competir comprando grandes espaços nos jornais e tempo publicitário na TV. Não há dinheiro para isso. É preciso que o público seja cúmplice e parceiro nesta empreitada. Vamos, portanto, criar uma Pirâmide do Teatro. Montemos uma daquelas correntes em que cada um de nós irá funcionar como divulgador. Se cada pessoa que ama o teatro convocar outras dez para assistir a um espetáculo, certamente o teatro sobreviverá. Sejamos multiplicadores dessa arte, que tão bem faz à nossa alma."

Paulo José, fevereiro/março de 2000

JORNAL DO TEATRO

Teatro brasileiro

O diretor carioca Franncis Mayer está trabalhando na montagem da peça *As Meninas*, baseada no romance de Lygia Fagundes Telles, para no Festival de Curitiba. Ainda nos planos de Franncis a montagem de "Dores de Amores", de Léo Lama, filho de Plínio Marcos. A peça, sucesso em São Paulo há dez anos, com Malu Mader e Taumaturgo Ferreira, deve estrear no Rio em julho.

Dando frutos

As Oficinas de Espetáculos, uma série de cursos independentes – sete durante o ano todo – vão se encontrar no final na montagem de uma peça. Numa parceria do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Rio de Janeiro com o Museu do Telefone/Telemar, as oficinas começam em março e as inscrições podem ser feitas até o dia 29 de fevereiro. Informações pelos telefones 556-1148 ou 556-3189.

Mundo masculino

Um grupo de atores da Globo encomendou um texto – ainda sem título – a Thiago Santiago para estrear em meados do ano no Rio. A direção já foi entregue a Wolf Maia e a peça, uma comédia jovem que fala do mundo masculino dos 20 aos 30 anos, será a primeira produção de Luka Ribeiro e Matheus Rocha. Os dois, que atuarão como atores, dividirão o palco com Henry Castelli, Thiago Lacerda e Mariana Ximenes.

Em busca do ator

Ensaiando para entrar em cena ainda em março, na peça *Maratona*, de Naum Alves de Souza, o ator Rogério Fabiano dirige uma oficina de interpretação, com duração de um ano, em cinco bairros cariocas: Teatro Villa-Lôbos, em Copacabana; Espaço Cultural Correia Lima, no Catete; Biblioteca Cocotá, na Ilha do Governador; Teatro América, na Tijuca; e Centro Cultural Santiago, na Barra. A oficina termina no final do ano com a montagem de uma peça.

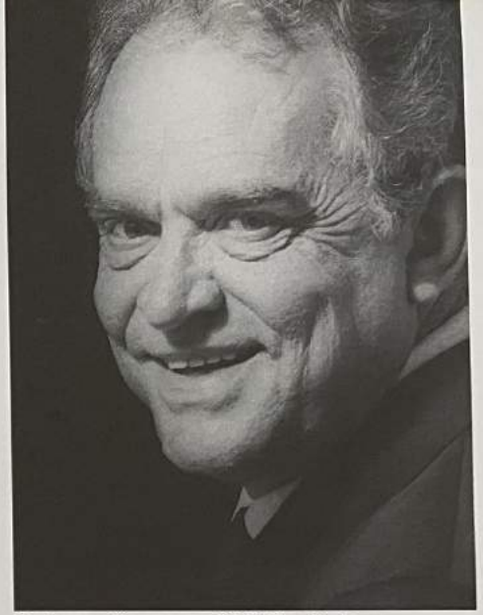
GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tel/Fax: (021)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Rubens Tonelli (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Cláudia Garcia

PALAVRA DE ATOR

Rogério Fróes

O peixe



O ator está na peça SOS Brasil, de Antonio Ermírio de Moraes.

Nestes meus trinta anos de carreira, uma pergunta sempre me perseguiu: o que você prefere, cinema, teatro ou TV...? Assim como na vida se tem vários amores, a mesma coisa é a minha carreira de ator. Tive várias e boas transas com a TV nas minhas 32 novelas. Com o cinema tive um namoro de três anos e que gerou 14 filmes. No rádio fiz parte da Tupi. Mas minha maior paixão é o teatro, com 41 peças. Cinco dessas montagens foram produzidas e dirigidas por mim, e me presentearam com sete honrosos prêmios.

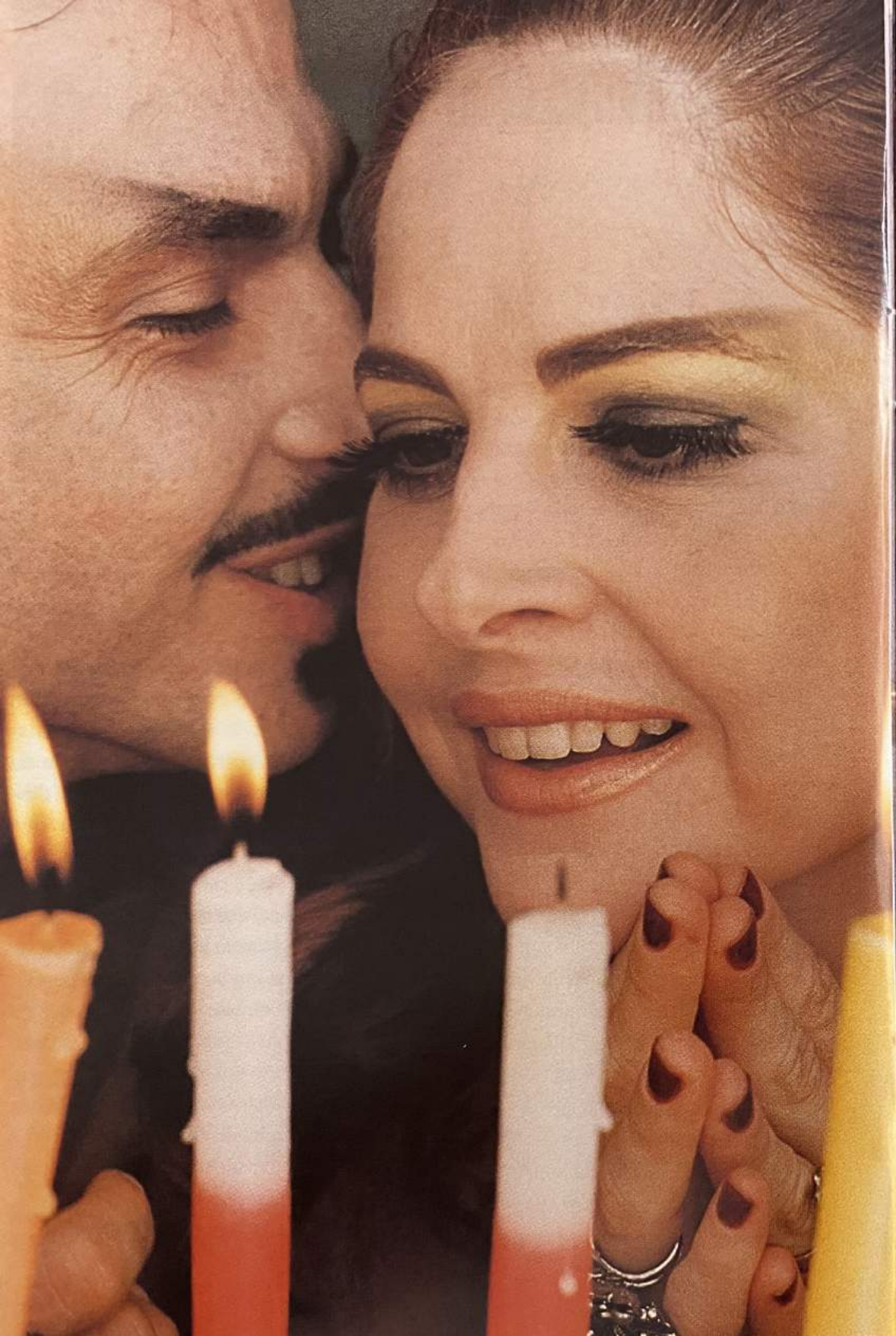
Sem dúvida o grande amor verdadeiro da minha vida é o teatro. Talvez por tê-lo conhecido na minha infância, levado pelas mãos de meu pai. A peça me lembro muito bem. Era *Deus lhe Pague*, de Joracy Camargo, com Procópio Ferreira. Eu ainda não tinha dez anos e o micróbio me mordeu.

É muito sinuoso o labirinto da vida. Quando meu pai poderia sonhar que aquele menino que estava ali no idos de 1940, muitos anos depois, por volta de 1970, estaria dividindo o palco com o mesmo Procópio? Foi na peça *Odorico, o Bem Amado*, de Dias Gomes, que mais tarde seria transformada naquela que seria a primeira novela a cores da TV brasileira. Repito: Quem poderia imaginar?

Agora, já maduro e com a idade que meu pai não chegou a ter, analiso a relação dos atores com o teatro e a tevê. O ator na tevê me lembra aquele lindo peixe de aquário que todo mundo vê na hora que quer, fazendo suas coreografias e acrobacias no mesmo lugar. O peixe do mar é aquele livre na imensidão do oceano, um mundo para descobrir com as cavernas insondáveis da alma humana. Pouco visto, mas peixe em toda a sua plenitude. Esse peixe é o ator do teatro.

É fundamental que tenhamos consciência de nossa importância político-cultural. Certo dia, em uma igreja, uma senhora pegou-me pelo braço e disse: 'Quando vi você na missa, rezei muito por todos vocês, atores. Agradeci a Deus a existência de vocês, que preenchem o vazio de nossas vidas. Vocês nos trazem alegria de viver.'

E assim nós, atores, vamos fazendo nossas acrobacias em mares e aquários. Meu mar atual é a peça *SOS Brasil*.



O rei da vela

Emergentes, pagodeiros e aristocratas decadentes dão o toque contemporâneo à peça de Oswald de Andrade.

Por Dalila Magarian.

FOTOS: CLÁUDIA GARCIA

Esta não é a primeira vez que a peça *O Rei da Vela*, de Oswald de Andrade, é montada no Brasil – a primeira encenação foi realizada em 1967, por José Celso Martinez Corrêa –, mas certamente o espetáculo da Cia. dos Atores, em cartaz no CCBB e dirigido por Enrique Diaz, vai dar muito o que falar. Recheada de números musicais, misturando comédia, farsa, programa de auditório, expressionismo e recursos multimídia, a peça é uma releitura que oscila entre a fúria oswaldiana e o exercício antropofágico das possibilidades de realização da cena. O grupo imprimiu aos personagens algumas características de tipos brasi-

leiros contemporâneos, como pagodeiros, emergentes e aristocratas decadentes, levando a sério a célebre frase do próprio Oswald: "Quero fazer teatro de arquibancada".

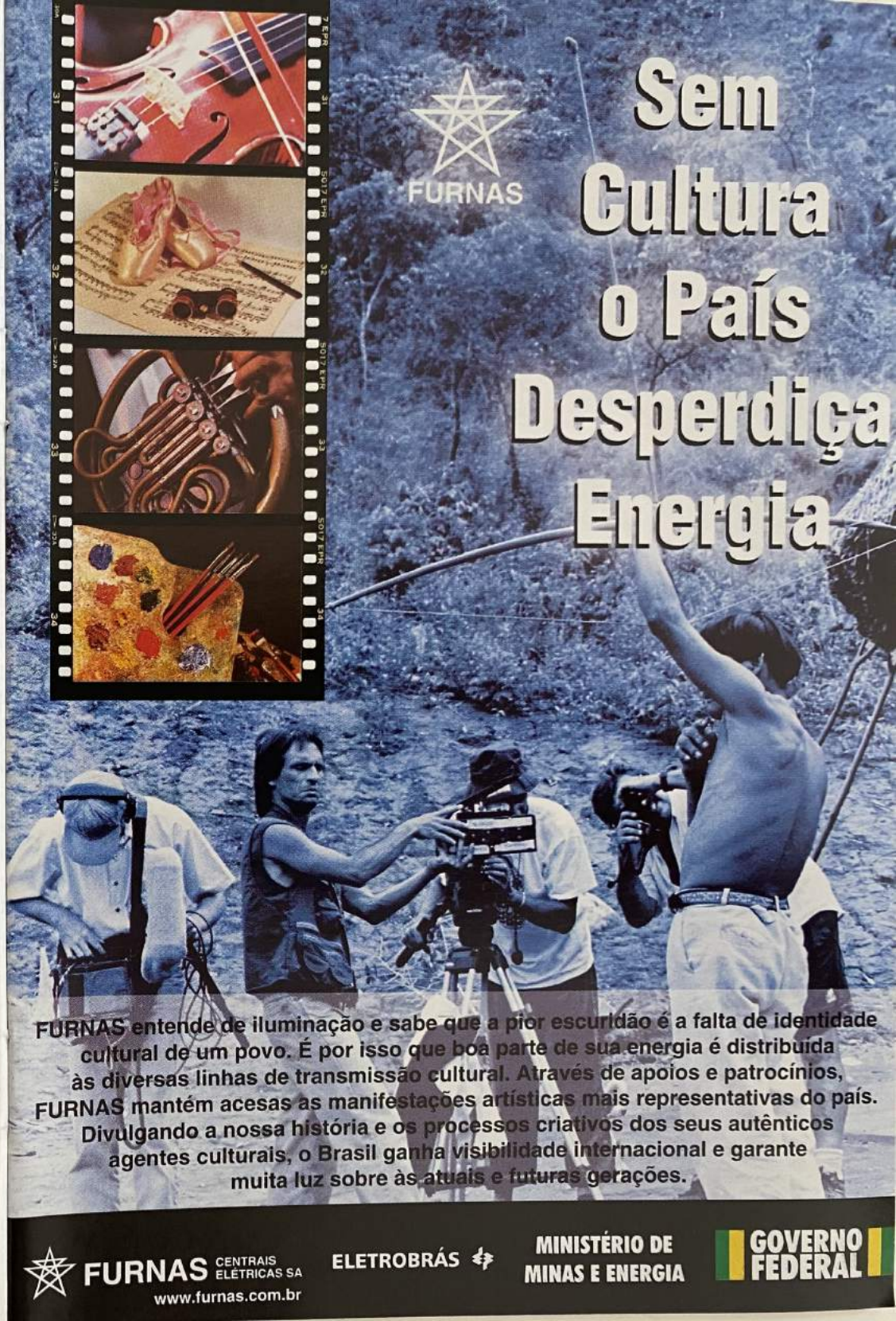
Esta montagem de *O Rei da Vela* também marca o retorno da atriz Drica Moraes à Cia. dos Atores (sua última participação aconteceu na peça *Melodrama*, em 96), nos papéis de Heloísa de Lesbos e Shirley Sapeca. "Para fazer Heloísa me inspirei na Althea Leasure, do filme *O Povo contra Larry Flynt*", comenta Drica, referindo-se à relação de interesse que Heloísa mantém com o personagem Abelardo I, interpretado pelo ator e figurinista Marcelo Olinto. Já o ator Gustavo Gasparani desdobra-se nos papéis de Perdigoto (o irmão bêbado de Heloísa), o intelectual Pinote (que se oferece para escrever a biografia de Abelardo) e Dona Poloquinha, cunhada de Abelardo. Os outros atores que formam o elenco são Leonardo Miranda, Guilherme Miranda e Malu Galli.

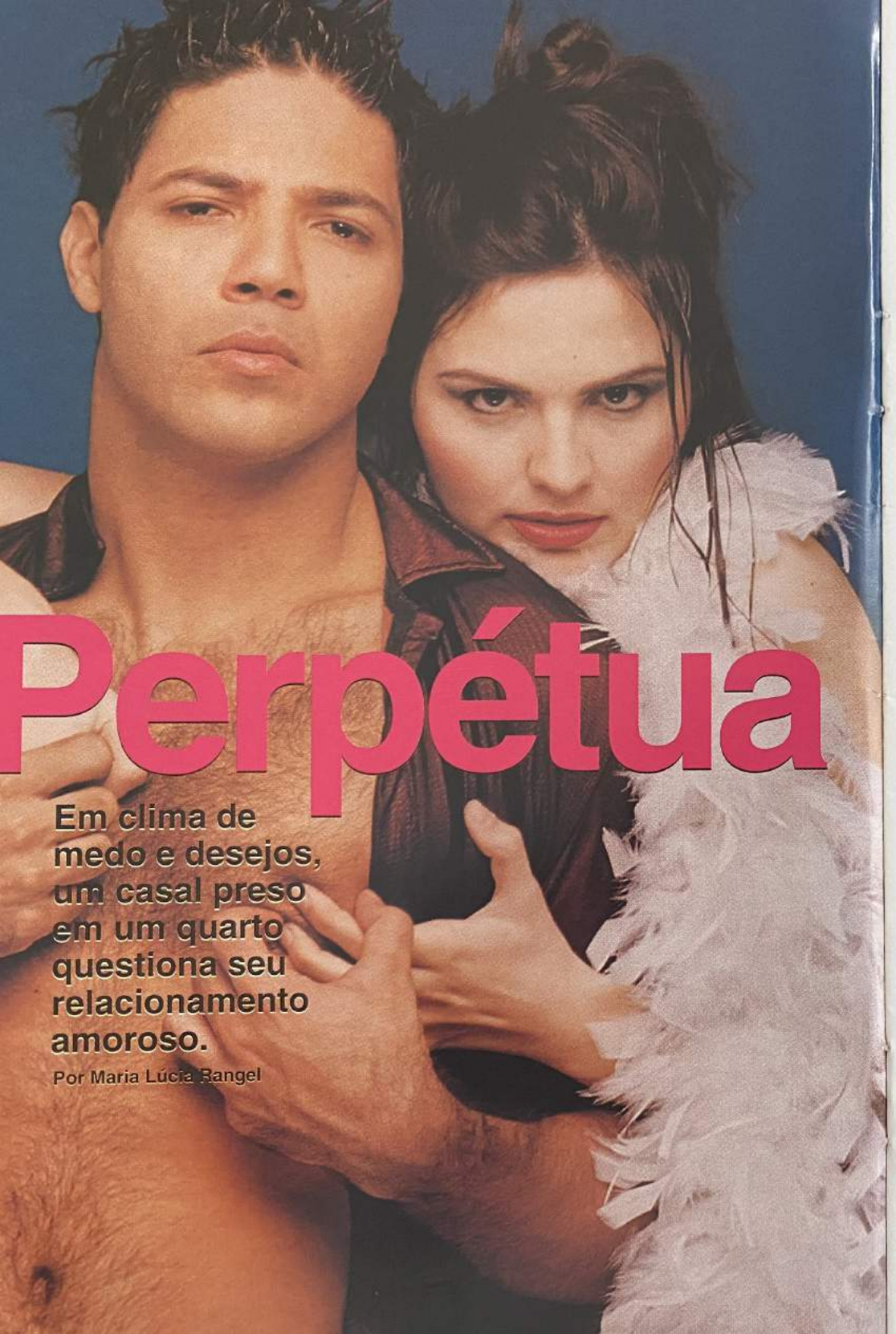
O texto de *O Rei da Vela* foi escrito por Oswald de Andrade em 1933, época em que o autor modernista encontrava-se fortemente ligado às idéias marxistas. Entre as três peças que escreveu, esta acabou transformando-se num clássico da dramaturgia brasileira e símbolo do tropicalismo, principalmetne depois da montagem realizada pelo grupo Oficina, dirigida por Zé Celso. O autor utiliza uma linguagem que apenas nos anos 60 conseguiu ser compreendida como encenação moderna. Misturando consciência política e vanguarda, as inquietações de Oswald, em sua alegoria do país dos anos 30, permanecem atuais.

Os personagens da peça desfilam pelo palco funcionando como uma espécie de retrato cubista da realidade brasileira. Como fio condutor está Abelardo I, fabricante de velas e também agiota e oportunista. "Herdo um tostão de cada morto nacional", costuma afirmar o personagem. Clientes miseráveis e intelectuais medíocres entram e saem de seu escritório de agiotagem. Para ascender socialmente, Abelardo pretende casar-se com Heloísa de Lesbos, de família aristocrática, porém decadente. Ao final, a queda do anti-herói e a síntese oswaldiana: o indivíduo morre, mas o sistema permanece. ❖

Cia. dos Atores

A Cia. dos Atores já completou dez anos de trabalho ininterrupto, obtendo vários prêmios e representando o Brasil em festivais internacionais. É uma companhia com larga produção, que realizou espetáculos que marcaram a cena teatral brasileira, como A *Bao a qu*, *Melodrama* e *A Morta*, esta última também de Oswald de Andrade. *O Rei da Vela* marca a continuidade do trabalho da companhia dirigida por Enrique Diaz, refletindo sobre o patriotismo, em suas manifestações artísticas e seus valores culturais.





Perpétua

Em clima de medo e desejos, um casal preso em um quarto questiona seu relacionamento amoroso.

Por Maria Lúcia Rangel

Para Antunes Filho, "é poesia do início ao fim". Já Gerald Thomas acha que o espetáculo instiga, "não é dessas pecinhas imbecis, irrelevantes ou pré-dirigidas que andam por aí". Os dois consagrados diretores de teatro estão falando de *Perpétua*, drama poético de Dionísio Neto, o primeiro texto da Trilogia do Rebento, que segue com *Opus Profundum* e *Desembestai*. Sucesso de crítica e público em São Paulo, *Perpétua* estreou em temporada carioca na Casa da Gávea, onde fica até o final de abril, com o autor contracenando com Samantha Monteiro no papel-título.

Perpétua se passa no ano de 2007, no dia 12 de junho. Em uma ultramegame trópole brasileira, um jovem burguês existencialista, interessado em cultura oriental, leva girassóis para comemorar seu aniversário com uma bailarina com quem se relaciona há algum tempo. Ela é *Perpétua*. Atormentado por um sonho no qual é estrangulado por ela, ele vai ficando aterrorizado com as coincidências entre os fatos que acontecem naquela noite e o seu sonho. Presos circunstancialmente em um quarto, impedidos de sair, os dois questionam uma série de valores sobre o seu relacionamento amoroso, o sentido de suas existências, as maneiras de se atingir o Nirvana e sobre vontades e tabus que afloram naquela noite. No final, quando estão prestar a sair, uma grande surpresa acontece.

"Fugimos do que se chama remontagem", explica Dionisio. Dessa burocracia de teatrão 'profissional' sem paixão. Pensei até em chamar a montagem carioca de *Perpétua Nova* ou *Perpétua II*. Mas a raiz de tudo ainda se alimenta e dá frutos. Agora não pararemos tão cedo. Queremos que seja vista pelo maior número de pessoas e que ganhe temporadas longas mais que merecidas."

Perpétua promete. Depois da temporada carioca, a peça segue para Nova York, onde será apresentada no St. Marks Theater, no segundo semestre. ❖

FAUSTO GASTRÔNOMO

O personagem de Goethe volta com novo perfil. Agora é um ex-cozinheiro que quer ser Deus.

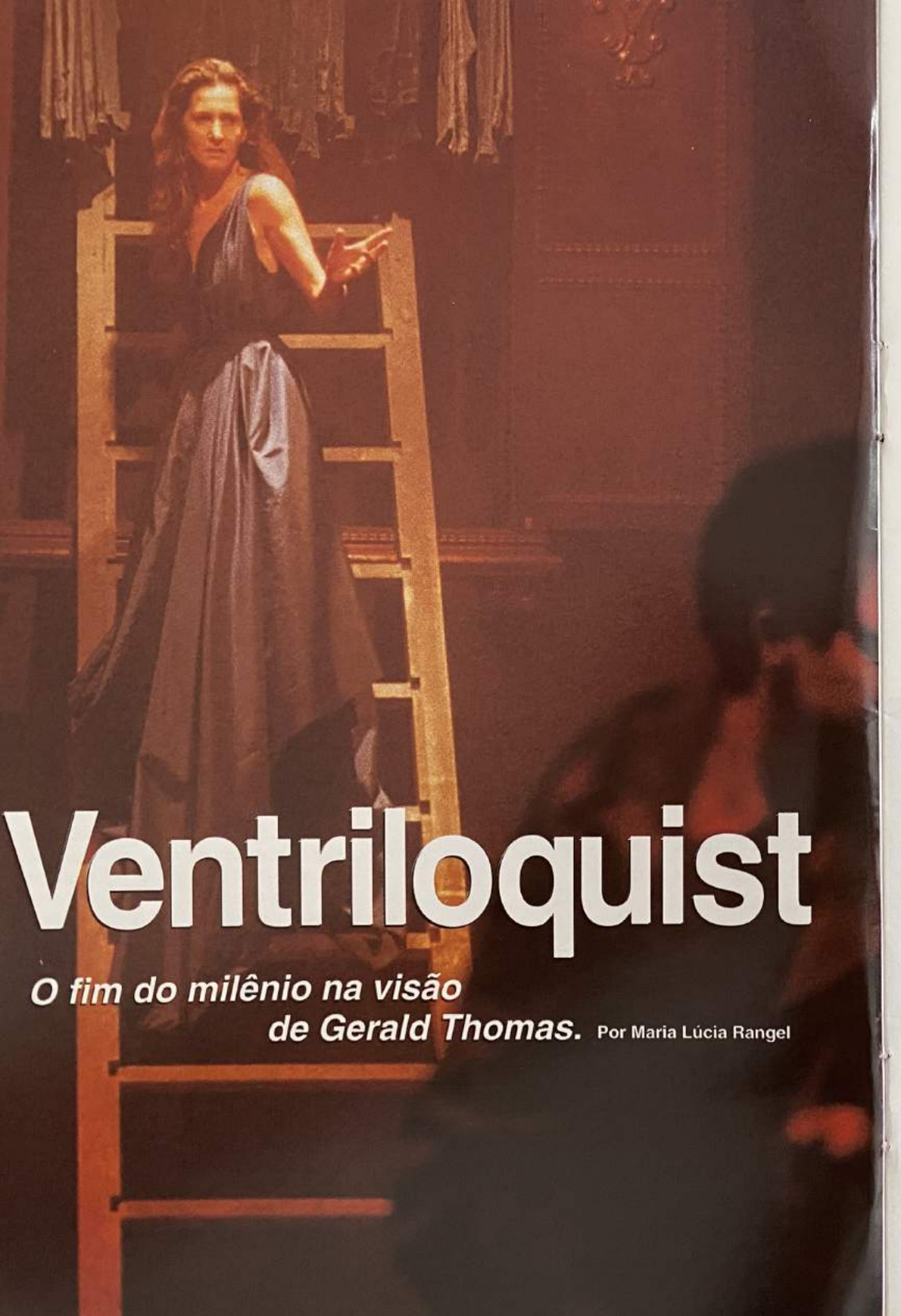
Também na Casa da Gávea, às terças e quartas-feiras, pisa o palco o *Fausto Gastrônomo*, de Richard Schechner, inspirada no *Fausto* de Goethe. Através da trajetória do personagem título, que vende sua alma ao diabo, o autor faz o espectador pensar o mundo de forma atual e bem humorada. Schechner mostra a voracidade ilimitada do homem que hoje vive numa sociedade de consumo que valoriza o TER sobre o SER.

"Mostramos o Fausto jovem", diz Pedro Osório, produtor e um dos 10 atores da peça. "O nosso Fausto está com 25 anos, já foi um grande cozinheiro, muito rico, mas quer mais. Aí, vende a alma ao demônio porque pretende ser Deus sobre a Terra."

Pedro, recém-formado na CAL como seus colegas de cena, foi apresentado ao texto de Schechner por um dos coordenadores da Casa das Artes que assistiu à peça na Broadway, em 94. Apaixonado pelo tema, decidiu bancar o espetáculo e formou o elenco:

"Vender a alma hoje em dia não é uma questão de fazer um pacto com Lúcifer", diz ele. É, antes de tudo, não prestar atenção a questões essenciais de nossa existência. É deixar de lado a ética, os sentimentos humanitários e conviver com a corrupção, com a fome, com o neonazismo e o abuso de poder como se fossem naturais.

Para dirigir o grupo foi convidado Luís Furlaneto, ex-professor dos jovens na CAL.



Ventriloquist

O fim do milênio na visão de Gerald Thomas.

Por Maria Lúcia Rangel

FOTOS: LENISE PINHEIRO

Gerald Thomas volta ao Rio para mais uma estréia e, provavelmente, para mais uma polêmica também. Dessa vez o diretor libera os atores para o que chama de evento "quase" espontâneo. Em *Ventriloquist*, que estréia dia 2 de março no Espaço Cultural Sérgio Pôrto, ele desenvolveu o trabalho a partir de uma cena da ópera *Moses und Aron*, de Schoenberg. Convidou 12 jovens atores – a idade média do elenco é de 21 anos – e os soltou de vez, tendo total confiança de que, munidos de um propósito e uma porção de pequenos obstáculos imaginários, eles serão os reais ventríloquos do homem, em seus melhores e piores momentos.

"Claro que esta soltura se dá dentro de um pacto ideológico que o ator tem que fazer comigo e com o teatro", diz Thomas. "E consegui o que queria há tempos, o entusiasmo jovem. Mas exijo cultura, que leiam sobre Vinícius de Moraes, Lúcio Cardoso. A identidade carioca, a mais antiga e maravilhosa identidade brasileira. Eles lêem mais do que vêem a Internet", completa entusiasmado.

Ventriloquist é uma reflexão do diretor sobre a arte nesta virada de milênio. Começa com uma festa com todos drogados e bêbados. Em certo momento, com o estado de consciência alterado, os personagens se rebelam contra um balde cheio de lama, supostamente o culpado por todos os seus problemas. Gerald explica que a cena representa o orgia presente na ópera de Schoenberg, montada por ele na Áustria em 98.

"É um espetáculo iconoclástico", diz ele, "e é visto como uma tenebrosa previsão do que vai acontecer do meu ponto de vista, claro. Mas não é necessariamente um sinal de alerta. Tem a ver com a lenda bíblica de Moisés e Arão, tem a ver com os 40 dias que Moisés passou no Monte Sinai, tem a ver com o tempo de descrença em que estamos entrando, tem a ver com esta tentativa do ser humano de falar com Deus."

O diretor explica, em um texto sobre a peça, que "nossos artistas sabem que ultrapassaram o tempo de estadia no topo da montanha. Também sabem que – apesar de não quererem reconhecer – o frio lá em cima é de matar e que suas experiências cá embaixo se transformaram numa cultura do efêmero, do nada, onde somente valores mais rasos foram assimilados, copiados, roubados nesse mundo fantástico de www e de ponto.com, de arroubas e de sites de um trânsito de comércio desgraçado! Mas será que eles conseguem ver o humor nisso?"

Por querer achar um caminho para o que considera uma dramaturgia em frangalhos do pós-moderno, Gerald Thomas anda em busca da pressa, um elemento fundamental no seu novo estilo de trabalhar. Chegou a criar cenas da peça de madrugada, para que fossem decoradas pelos atores no dia seguinte. Em São Paulo, eles entravam em cena com um obstáculo na cabeça. Segundo ele, no primeiro dia de ensaio o ator faz coisas incríveis porque tem obstáculos. Depois vai ficando dono do papel e só resta dele um eco em cena.

"O ator tem uma terrível falta de modéstia a respeito do concretismo do seu personagem. Sonha em passar a utopia da peça. Todos os atores querem representar a peça o tempo todo. Para uma dramaturgia clássica não tem problema. Eu é que quero achar um caminho para

esta dramaturgia em frangalhos."

Thomas diz que não foi difícil montar seu elenco atual. Como ele próprio fala, vem colecionando atores há muitos anos. Faz workshops por todo o mundo e vai vendo quem é bom, quem é sofisticado na capacidade de dar sua versão da cultura contemporânea.

O espetáculo tem música de Schoenberg e de seu protetor Gustav Mahler:

"Schoenberg seguiu Mahler até na decisão de deixar o judaísmo e adotar o cristianismo. Depois voltou ao que era antes. E Mahler reconhecia que o futuro da música estava no *unpleasant* de Schoenberg. O som das máquinas, a desafinação e a dodecafonia seriam isso".

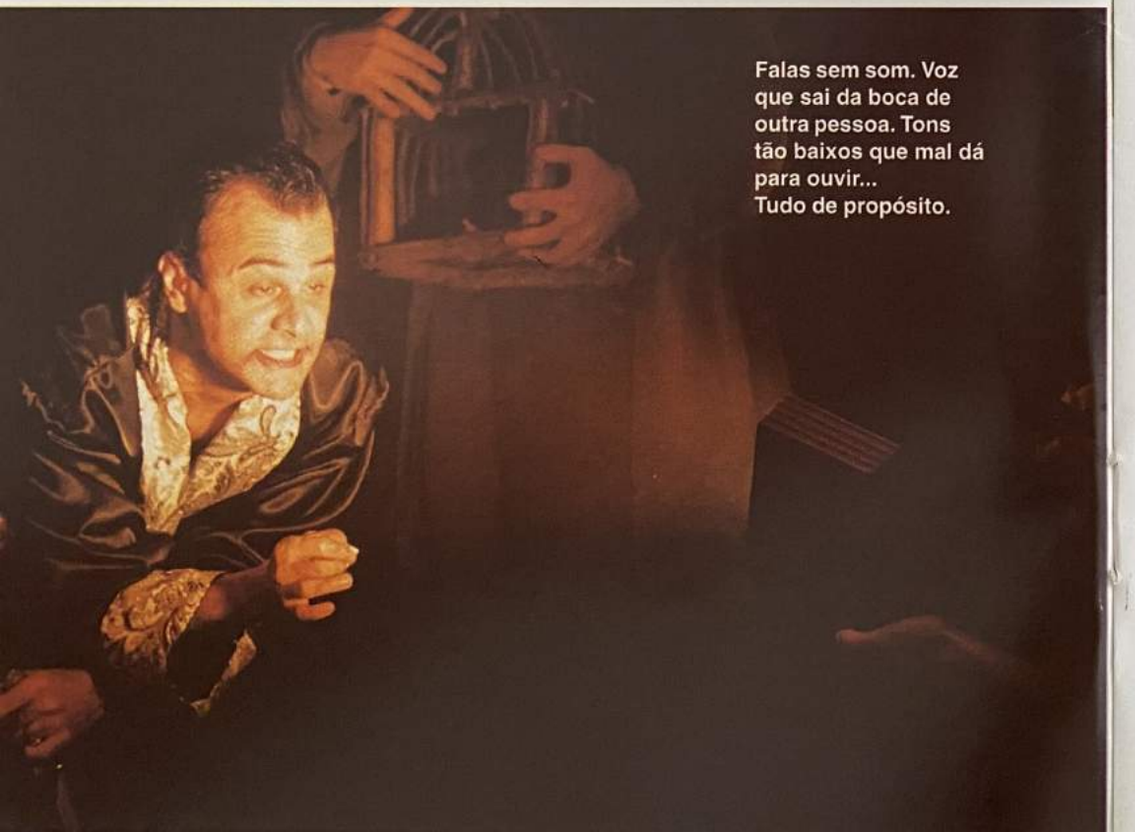
A crítica Bárbara Heliodora, que assistiu o espetáculo em São Paulo, considera *Ventriloquist* o trabalho mais interessante de Thomas nos últimos anos. Mas nem sempre satisfatórias as linguagens verbais: "Todos falam sem emitir sons. Da boca que se move sai a voz de outra pessoa. Ou então os atores falam baixo e não são ouvidos, de propósito ou não".

"É de propósito", defende-se Thomas. Cortei de dois atores a projeção de voz. Adoro pensar que existem opções sutis que estão ali para reforçar o clima que faz os outros atores se projetarem melhor".

Para a estréia carioca ele prepara uma surpresa. Vai gravar frases ou depoimentos de gente famosa e fazer o ator dublar no palco.

"Quem quiser poderá falar através do meu espetáculo. É o *Larry King Live* (programa da tevê americana) através do teatro. Vai servir para um forum de debate, de polêmica."

Alguém duvida? ❖



Falas sem som. Voz que sai da boca de outra pessoa. Tons tão baixos que mal dá para ouvir... Tudo de propósito.

Colecione, assine!!!

Assinatura semestral

Enviamos para todo Brasil

R$18

Maiores informações pelo tel.: (21) 511-5344 ou e-mail Aplauso@gbl.com.br

Um crime perfeito

Por Dalila Magarian.

Mistério e humor em dois tempos e duas épocas.

Fiel à tradição dos textos de Mauro Rasi, que através dos personagens e trajetórias de sua família mostram o lado tragicômico das pessoas comuns, *O Crime do dr. Alvarenga* conta a história de Vado, seu próprio pai. O hobby de Oswaldo Rasi era escrever peças de teatro, e seu maior desejo era ver a encenação de sua obra-prima, justamente a peça *O Crime do dr. Alvarenga*. Usando então a peça de seu pai, que tem como protagonista um médico famoso dedicado a descobrir a cura da leucemia, Mauro Rasi traça um paralelo com um Vado desencantado e abatido pela morte da esposa.

A peça é submetida aos comentários e críticas de Emílio (alter-ego de Mauro Rasi) e à interpretação dos atores do núcleo familiar. Trata-se de uma peça dentro de outra peça, que alterna vertiginosamente tempo e espaço. Enquanto as venturas e desventuras da família passam-se nos dias atuais, a trama escrita por Vado é ambientada na década de 40. O cenário (realizado por Gringo Cardia) divide-se entre a casa em Bauru, no interior de São Paulo, o apartamento do filho no Rio de Janeiro e o laboratório do Dr. Alvarenga. Com figurinos a cargo de Inês e Bia Salgado, e trilha sonora assinada por Marcos Ribas de Faria, *O Crime do dr. Alvarenga* revive o glamour da primeira metade do século 20.

Vado é um comerciante aposentado com um pé na realidade e outro nas fantasias sobre como ele mesmo gostaria de ser. Em sua imaginação, o dr. Alvarenga era um misto de Laurence Olivier e Carlos Lacerda, enquanto Olívia, a jovem cientista que adere à sua luta pela descoberta da cura da leucemia, é a própria Joan Fontaine do filme *Rebecca*, de Hitchcock. Para Vado, até mesmo sua família eram personagem. Emílio poderia muito bem ser James Dean, enquanto a filha Elisa, mocinha pura e angelical, era a sua Grace Kelly em *O Cisne*, ou dependendo da ocasião, Debora Kerr em *Tarde Demais para Esquecer*.

Na montagem carioca, o papel de Vado coube ao ator Sérgio Mamberti (em São Paulo Vado era interpretado por Paulo Autran). Mamberti já é bastante íntimo do personagem — recebeu os prêmios Mambembe e Shap de melhor ator pela interpretação de Vado na peça *Pérola*, também de Mauro Rasi, que ficou cinco anos em cartaz. "Para mim é uma oportunidade extraordinária voltar a fazer o Vado. Era até uma espécie de promessa que o Mauro havia me feito, e estou muito feliz. Tenho uma identidade enorme com este espetáculo", afirma Mamberti.

As cenas do gabinete do dr. Alvarenga evocam o clima de suspense através de personagens melodramáticos, atuando em meio a uma atmosfera que combina mistério e humor. Segundo a definição de Mauro Rasi, seu pai, como autor, misturava Glória Magadan (a mestra do melodrama cubano dos anos 40 e 50) com o cinema americano. "Era a UDN (partido conservador do período pré-64) sonhando com Hollywood", afirma. Com Jacqueline Laurence, Bel Kutner, Ernani Moraes, Guilherme Piva e Giovanni Garcia, além do próprio Sérgio Mamberti, *O Crime do dr. Alvarenga* fica em cartaz no teatro Carlos Gomes até o dia 30 de abril. Tudo indica que, à exemplo de outras casas de espetáculos onde a peça já foi apresentada, o principal "crime" do dr. Alvarenga deve ser uma lotação sempre esgotada. ❖

A arte e o estômago

Em *Risoto*, Rodolfo Bottino fala da vida enquanto prepara delícias para servir à platéia na hora do almoço.

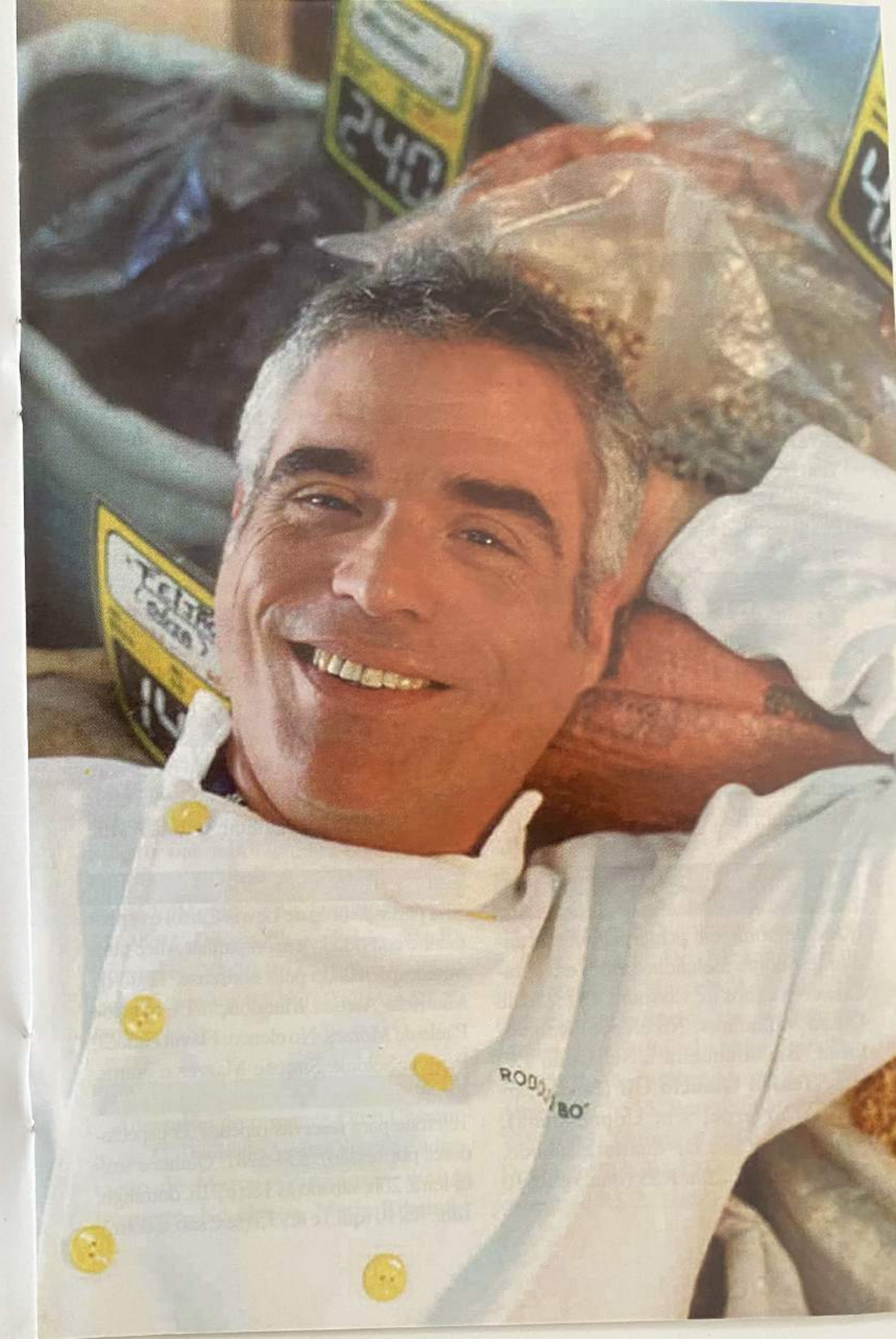
Por Dalila Magarian.

A estréia de Luís Salém como autor teatral não poderia ser mais saborosa. *Risoto*, espetáculo-monólogo protagonizado por Rodolfo Bottino, conta a história de um homem de origem italiana que, enquanto prepara o almoço, passa sua vida a limpo. Tendo como cenário a cozinha — que também serviu de palco para os grandes momentos do personagem, incluindo sua primeira relação sexual — a peça usa o nome de um dos mais tradicionais pratos da gastronomia italiana não apenas no título, mas também serve a iguaria às 120 pessoas da platéia.

Rodolfo Bottino, que além de ator tornou-se famoso por suas aulas de culinária na tevê, promete 200 pratos diferentes até o final da temporada. "A cada dia irei preparar um tipo novo de risoto", garante. E Embora muitos dos fatos relatados pelo ator tenham acontecido em sua vida real, o espetáculo escrito por Salém em parceria com Stella Miranda não é biográfico. "O texto é uma biografia ficcional", garante Salém, amigo de Bottino.

Risoto com Memórias

A peça começa quando o fictício Centro Gastronômico de Giacomo Futini está fazendo um grande jantar de gala para sua inauguração. Bottino é o cozinheiro convidado para preparar a entrada, enquanto os *chefs* principais — Dadá e Paul — estão para chegar. Levado por sua relação passional com a cozinha, o personagem decide deixar a entrada de lado e preparar um almoço. Após terminar seu risoto, Bottino é informado que os *chefs* estão atrasados e ele é convocado para continuar entretendo a platéia. É quando tem início a segunda parte do espetáculo, onde o ator começa a contar suas memórias. Para conferir o resultado do trabalho de Salém e Bottino (e também provar do risoto), basta comparecer ao restaurante Mr. Ôpi (veja o endereço no *Em Cartaz*), que acabou transformado num teatro para lá de diferente. E não tema pelo seu estômago: Bottino entende do assunto, já que foi dono de um restaurante por sete anos. ❖



EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

A Boa

Jovem decide tirar mendigo das ruas e dar a ele uma vida que acha ideal. Texto de Aimar Labaki e direção de Ivan Feijó. No elenco, Ana Kutner e Milhen Cortaz. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, meia-noite. R$10.

A Bofetada

Textos de Mauro Rasi, Miguel Magno e Ricardo Almeida adaptados pela Cia Baiana de Patifaria. A direção é de Fernando Guerreiro. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb).

Adorável Hamlet

Releitura da obra de Shakespeare, em que o personagem principal pula de andaimes, come melancia e entra em combate com cabos de vassoura. Direção de Dinho Valladares. No elenco, Roberto Frota, Bia Junqueira e Sebastião Lemos. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$5 (qua.) e R$10 (qui. a dom.).

A Erótica Portuguesa

Coletânea de poesias e músicas portuguesas dos séculos XVIII ao XX, cuja temática é o erotismo. Adaptação e direção de Maria Tereza. No elenco, Suely Franco e Sebastião Lemos. **Casa de Cultura Margarida Rey** (Travessa Cristiano Lacorte, 54, Copacabana). Fone: 522-1603. Quarta-feira, 21h. R$10.

A Prosa do Nelson

Coletânea de crônicas de Nelson Rodrigues interpretadas pelo Núcleo Carioca de Teatro. Direção de Luiz Arthur Nunes, Nara Keiserman e Demetrio Nicolau. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Alice Através do Espelho

A partir da obra de Lewis Carrol o espectador é convidado a acompanhar Alice num mundo permeado pelo nonsense. Texto de Maurício Arruda Mendonça. Direção de Paulo de Moraes. No elenco: Flávia Fafiães, Patrícia Selonk, Simone Mazzer e outros. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, Lapa). Telefone para reservas (apenas 35 espectadores por sessão): 554-5281. Quinta e sexta-feira, 20h, sábado às 18h e 21h, domingo, 18h.. R$ 10 (qui.) e R$ 15 (sex. sáb. e dom.).

Até Daqui a Mil Anos

A síndrome de pânico é o tema da peça escrita e dirigida por Gustavo Rizzotti. No elenco, Gustavo Rizzotti e Frederico Maggela. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. Segunda e terça, 21h. R$10.

Boom

Texto de Luís Carlos Góes sobre um médium que incorpora várias entidades. Direção de Marcus Alvisis. No elenco, Jorge Fernando, Marcello Barros e Carolina Rebello. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.). Até 27 de fevereiro.

Calingualá

Esquetes independentes sobre temas cotidianos criados pelo elenco. Direção de Ivan de Albuquerque. No elenco, Leyla Ribeiro, Gabriel Gracindo e Lúcio Mauro Filho. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30.R$7,50 (qui.), R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.). Até 27 de fevereiro.

Capitu

Adaptação do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis. Direção e adaptação de Marcus Vinícius e Walter Daguerre. No elenco, Maria Ribeiro e Alexandre Barillari. **Teatro Univer-Cidade** (Rua Humaitá, 275, Humaitá). Fone: 527-1497. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

Coração Brasileiro

Trajetória dos personagens de 1964, quando ainda eram crianças, aos dias atuais. Texto e direção de Flávio Marinho. No elenco, Daniel Dantas, Luís Carlos Tourinho, Bia Nunes e Cristina Pereira. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Quartas, 17h. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qua. e qui.), R$25 (sex. e dom) e R$30 (sáb.).

Correio Sentimental de Nelson Rodrigues

O Núcleo Carioca de Teatro interpreta a peça de Nelson Rodrigues sob a direção de Luiz Arthur Nunes. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Quinta e sexta, 21h. R$15.

Comunhão de Bens

Comédia que fala de um casamento e dois casais. De Alcione Araújo.Direção de Marcelo Andrade. No elenco, Mateus Rocha, Samara Felippo, Mariane Vicentini e Licurgo Spinola. . **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Crioula – A Dama do Suingue

Musical conta a vida da cantora Elza Soares. Direção: Stella Miranda. No elenco: Zezé Polessa, Elisa Lucinda e outros. **Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10.

Decadência

Comédia escrita pelo ator, diretor, dramaturgo e poeta inglês Steven Berkoff sobre a vida de dois amantes. Direção de Vitor Garcia Peralta. No elenco: Beth Goulart e Guilherme Leme. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 557-5533. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex., sáb. e dom.). Até 27 de fevereiro.

Dona Ninguém

Mulher submissa ao ficar viúva resolve dar uma guinada em sua vida. Texto de Heloneida Studart e direção de Jésus Chediak. No elenco, Aracy Cardoso. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea) Fone: 239-8545. Quinta e sexta, 17h. Sábado, 19h. Domingo, 18h. R$15.

E Aí, Comeu? – Da Boca Pra Fora

De Marcelo Rubens Paiva. Direção de Rafael Ponzi. Com Felipe Camargo, Marcos Winter, Tatu Gabus Mendes e Bianca Byington. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 221-0305. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$ 10 (qui., sex.e dom.). R$ 12, sábado.

Fausto Gastrônomo

Trata da questão do desejo exacerbado de poder na era da tecnologia e da indústria do entretenimento. Alunos recém-formados da CAL encenam o texto de Richard Schechner, com direção de Luiz Furlanetto. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 239-3511. Terça e quarta, 21h. R$10.

Francisco de Assis

Musical sobre a vida do santo, escrito e dirigido por Ciro Barcellos. No elenco, Ciro Barcellos, Nildo Parente, Amora Pêra, Leonardo Costa, Mauro Gorini, Vinícius Mane. **Teatro Sesi** (Graça Aranha, 1 – centro). Fone: 563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h. R$ 10. Quem levar um quilo de alimento não perecível recebe 20% de desconto em dois ingressos. Até 27 de fevereiro.

Minotauro

Versão interativa do clássico da mitologia grega em que Teseu lidera uma expedição ao labirinto do Minotauro, para matar o monstro que assombra o povo. Texto e direção de Renato Rocha e Verônica de Oliveira. No elenco, Luiz Lobo, Daniela Castro, Tony Farias, Renato Rocha e outros. **Teatro do Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sábados e domingos às 18h. R$ 10. Estacionamento rotativo no local. Até 26 de março.

Musicais in Concert

Direção de Paulo Afonso de Lima. No elenco, Cláudia Netto e Cláudio Botelho. **Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 235-5348. Sexta e sábado, 22h30. Domingo, 18h. R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sab).

O Altar do Incenso

Comédia dramática que retrata a história de um casal comum, morador da periferia, que se vê angustiado com a presença de um ladrão. Texto de Wilson Sayão. Direção de Moacir Chaves. No elenco, Marília Pêra e Gracindo Jr. **Sala Marília Pêra do Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

O Avarento

Nova montagem do texto de Molière, traduzida e dirigida por João Bethencourt, e estrelada por Jorge Dória e Ida Gomes. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Até 27 de fevereiro.

O Centauro no Jardim, a história do homem que não era

Montagem baseada no romance homônimo do escritor Moacyr Scliar. Direção de Roberto Rito e Silke Muhlensedt, que também divide o palco com Cecília Amado. **Teatro Museu do Telephone/Telemar** (Rua Dois de Dezembro, 63, Catete). Fone: 556-3189 e 556-1148. De sexta a domingo, 19h. R$ 10. De 18 a 27 de fevereiro.

O Crime do Dr. Alvarenga

Comédia do cotidiano baseada na relação entre pai e filho. Texto e direção de Mauro Rasi. Assistente de direção: Emílio de Mello. No elenco, Sérgio Mambert, Bel Kutner, Ernani Moraes, Guilherme Piva, Jacqueline Laurence e Giovanni Garcia. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 232-8701. Quinta, sexta e domingo, 19h. Sábado, 21h. R$ 10 (qui. e sex.) e R$ 15 (sáb. e dom.).

O Rei da Vela

Um retrato corrosivo e bem humorado dos mecanismos de ascensão e queda do indivíduo numa sociedade de valores capitalistas. Texto de Oswald de Andrade. Direção de Enrique Diaz, com cenário de Gabriel Villela. Elenco: Drica Moraes, Marcelo Olinto, Cesar Augusto, Malu

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Galli, Guilherme Miranda e Leonardo Miranda. Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 – centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 14 de maio.

Otelo

Releitura da obra de Shakespeare com ares futuristas. Direção de Janssen Hugo Lage. No elenco, Norton Nascimento e Heloísa Maria. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Perpétua

No ano de 2007, em uma metrópole brasileira, jovem burguês comemora aniversário acompanhado de dançarina e se aterroriza com a sucessão de coisas que acontecem. Texto e direção de Dionísio Neto. No elenco, Dionísio Neto e Samantha Monteiro. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

Raul Fora da Lei

Homenagem a Raul Seixas encenada por Roberto Bomtempo. Adaptação de Luiz Arthur Nunes e direção de José Jofilly. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Terça e quarta, 21h. R$20.

Relax, It's Sex

Comédia musical escrita e dirigida por Wolf Maya sobre situações inusitadas relativas ao sexo. No elenco, Danielle Winitz, Heitor Martinez, Adriana Garambone, Malu Valle, Carlos Lofller, Marcelo Saback e Nelson Freitas. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 294-4480. Quinta e sexta, 21h30. Sábado, 20h e 22h30 e domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Risoto

Espetáculo em que o ator Rodolfo Bottino cozinha, canta e interpreta histórias divertidas de um chef italiano na hora do almoço. Texto de Luís Salém e Stella Miranda. Direção de Luís Salém. **Restaurante Ôpi** (Rua da Quitanda, 51 – 4º. Andar – Centro). Fone: 507-3859. De terça a sexta-feira, 12h30. R$ 25 (com almoço incluído).

Se Meu Ponto G Falasse

Comédia de Patsy Cecato e Heloísa Migliavacca sobre o mundo feminino. Direção de Júlio Conte. No elenco, Patsy Cecato e Heloísa Migliavacca. Teatro dos Grandes Atores (Avenida das Américas, 3.555 – Shopping BarraSquare). De quinta a sábado, 21h, domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

Subversões Três e Meio

Paródias de músicas famosas interpretadas pelo trio formado por Márcia Cabrita, Luís Salém e Aloísio de Abreu. Direção de Stella Miranda. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. Sexta e sábado, 23h30. R$25.

Tango, Bolero e Cha-Cha-Cha

Uma mulher e seu filho são abandonados pelo marido sem que saibam o motivo. Ele retorna dez anos depois como transexual. Texto de Eloy Araújo com direção de Bibi Ferreira. No elenco, Edwin Luisi, Maria Helena Dias e Miguel Thiré. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187 – Centro). Fone: 280-1382. De quinta a sábado, 19h30. Domingo, 18h30. R$ 20.

Um Certo Olhar – Pessoa e Lorca

Raul Cortez encena e assina a tradução e adaptação do monólogo sobre os escritores português e espanhol. Direção de José Possi Neto. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20.

Um Maridão na Contramão

Motorista de taxi bígamo vê sua farsa ruir quando ajuda uma velhinha que está sendo assaltada. Texto de Ray Cooney e direção de João Bethencourt. No elenco, Osmar Prado e André Valli. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.). Até 27 de fevereiro.

Ventriloquist

Reflexão sobre a arte no final do milênio. Texto e direção de Gerald Thomas com a Companhia Ópera Seca. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 266-0896. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10. Estréia 2 de março.

Vitório e Adalberto

Comédia musical escrita por Ernani Jr. e dirigida por André Falcão. No elenco, Ernani Jr. e Walter Rosa. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 267-7295. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Viva Barcos

O grupo Fosco Aveludado faz uma homenagem a Luiz Antônio Barcos, diretor musical falecido há 10 anos. Canções de Lamartine babo, Pixinguinha, Rita Lee e Beatles. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$10.

O meu pequeno príncipe

Para as crianças sorrirem e os adultos voltarem a sonhar...

Por Maria Lúcia Rangel.

Ao adaptar livremente para o teatro a história de Antoine de Saint-Éxupery, *O Pequeno Príncipe*, Eduardo Bueno – que também dirige o espetáculo – seguiu a ordenação e o encaminhamento dados pelo autor. Mas procurou enfatizar pontos que considera pouco trabalhados por ele, como a questão da alegria e da vontade. Pensando em um público bem abrangente (crianças e adultos), Bueno criou aventuras com personagens que, de um modo ou de outro, estão presentes em nossas vidas. *O Meu Pequeno Príncipe*, com participação especial de Roberto Bomtempo no papel de aviador, está no Teatro Vanucci nas tardes de sábado e domingo.

"Procuramos ressaltar a idéia de um reencontro do aviador consigo mesmo. Ou, mais precisamente, com a pureza e a alegria da criança que ele foi outrora, tendendo sempre para uma crítica do mundo e dos valores. A exaltação da criança, da pureza que envolve o seu olhar, é a tônica de uma peça que tem como uma única pretensão fazer as crianças sorrirem e os adultos voltarem a sonhar".

Para quem não se lembra, a peça conta a história de um aviador que vê tudo mudar quando seu avião cai em pleno deserto do Saara. Sozinho, encontra um menino vindo de outro planeta ou da sua imaginação, que o fará recuperar a alegria e a paixão pela vida. O menino começa a contar suas aventuras pelo espaço e pela Terra. A relação entre eles torna-se, aos poucos, mais intensa, levando o aviador a reflexões vitais sobre a existência humana. Quando o menino precisa voltar para seu planeta, apesar da tristeza enorme, o aviador percebe que terá de colocar em prática tudo aquilo que aprendeu no deserto, ou seja, que a vida é para ser vivida com alegria e coragem. ❖

QUEM É QUEM

Para o papel de aviador foi convidado o ator Roberto Bomtempo. Já Gabriel Mergulhão, o *Pequeno Príncipe*, começou sua carreira com apenas cinco anos na Rede Globo, no especial *Adoro Natal*, ao lado de Luiz Fernando Guimarães e Drica Moraes. Fez novelas, seriados e, brevemente, estará nas telas dos cinemas no filme de Bruno Barreto *Senhorita Simpson*. O elenco tem ainda, em vários papéis, os atores Alzira Andrade, Robson Sanchez e Sérgio Soares. Formado em jornalismo e publicidade, Eduardo Bueno, o diretor, cursou o Teatro Tablado durante cinco anos e a CAL por seis meses, tendo participado de espetáculos infantis como *Era Uma Vez uma Gata*, *Peter Pan* e *Capitães da Areia*. Atualmente é coordenador do Centro Cultural dos Grandes Atores, onde já dirigiu 15 espetáculos.

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

Relax it's sex

"É um espetáculo musical do Wolf Maia muito legal, para quem está a fim de se divertir mesmo. O elenco está afinado e ninguém sai do teatro sem exibir um sorriso no rosto. Recomendo."

Cláudia Ohana, atriz.

Raul Fora da Lei

"O Roberto Bomtempo está impecável nesse espetáculo, uma das melhores peças dos últimos tempos. A direção de José Jofilly está mravilhosa e a peça é supercomovente."

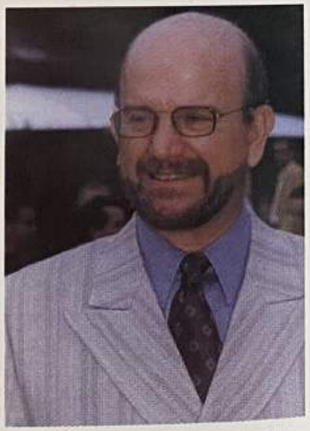
Maria Ribeiro, atriz.

Capitu e Bugiaria

"A idéia de transportar *Capitu* para o teatro é muito interessante e estimula o público a conhecer mais a obra de Machado de Assis. Vale a pena conferir esta história bem contada. E o espetáculo *Bugiaria*, em cartaz no Glauce Rocha, é simplesmente maravilhoso, não percam!"

Tereza Seiblitz, atriz.

Tango



"Eu sugiro *Tango, Bolero e Cha-cha-cha* porque a peça é engraçadíssima. Sua história prende a atenção e os atores estão ótimos em seus papéis. Além disso, para mim, o espetáculo é muito especial porque meu filho, Miguel, está estreando na carreira."

Cecil Thiré, ator.

SPOT

***Na estréia da peça* O Altar do Incenso...**

Othon Bastos e Cláudia Jimenez.

Wilson Sayão, Marília Pêra e Gracindo Jr.

Eva Todor e Diogo Villela.

FOTOS: CRISTINA GRANATO

***Na estréia do filme* Gêmeas...**

Fernanda Torres e Fernanda Montenegro.

Andrucha Waddington, Caio Junqueira, Francisco Cuoco e Evandro Mesquita.

***No lançamento da minissérie do Multishow* Amor que Fica...**

Júlia Lemmertz e Alexandre Borges.

Na estréia da peça Um Certo Olhar, Pessoa e Lorca...

Maria Zilda, Raul Cortez e Suzana Vieira.

Raul Cortez e Maria, sua filha.

Cena Aberta

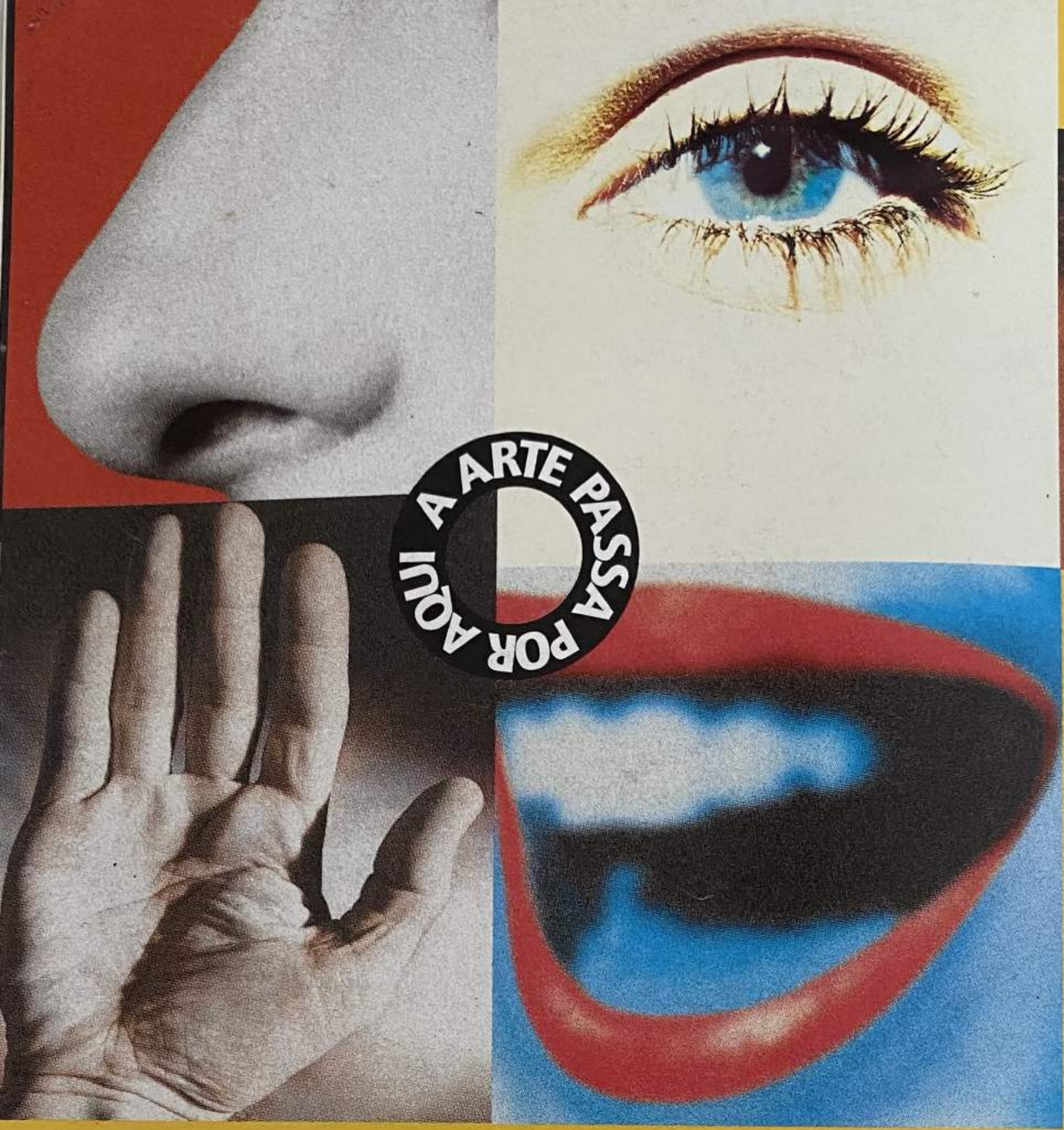
Zezé Mota em *Godspell*, 1974.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro



DNA

Ouça, sinta, toque, veja e fale para os outros.

Circuito Cultural Banco do Brasil.

O Circuito Cultural Banco do Brasil mistura arte com diversão, talento com emoção, cultura com solidariedade. Uma iniciativa que leva a arte a várias cidades do País, valorizando novos talentos e nomes consagrados da música, teatro, artes plásticas e outras atividades culturais. O Circuito Cultural Banco do Brasil promove também ações sociais e ajuda milhares de pessoas de diversas instituições do País. **Banco do Brasil. O banco que mais investe na cultura do Brasil.**

CIRCUITO CULTURAL

BANCO DO BRASIL

www.bancobrasil.com.br